REVISTA DA ABPN

DOI 10.31418/2177-2770.2020.v12.n.33.p273-300 | ISSN 2177-2770
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

A ÁRVORE É DA VIDA, O SABER É ANCESTRAL, A TRADIÇÃO É ORAL: NARRATIVAS DAS CRIANÇAS E NEGRAS QUILOMBOLAS DE MUQUÉM, AL

José Artur do Nascimento Silva[1]

Julvan Moreira de Oliveira[2]

Resumo: O objetivo desse trabalho é, a partir do interesse das crianças da Comunidade Quilombola de Muquém, sobre as histórias identitárias de seu grupo, re-elaborarem e re-memorarem, num processo de ritualização, narrativas passadas a elas pelos mais velhos, especialmente as que identificamos, pela mitanálise, as que são centrais nos processos educacionais e de individuação. Concluímos que as histórias que dão identidade, através da memória, são instrumentos da imaginação e identificação por parte das crianças quilombolas, com os personagens da história, ou seja, elementos essenciais para despertar a curiosidade, a imaginação e a esperança de resolver seus conflitos vivenciados na comunidade, assim como, a partir deles, trabalhar as diferentes dimensões do processo de formação da pessoa especialmente a cognitiva, a afetiva, a ética e a relacional com o outro e com a ancestralidade.

Palavras-chave: Crianças quilombolas; Muquém; Antropologia do Imaginário; Ancestralidade.

THE TREE IS OF LIFE, KNOWLEDGE IS ANCESTRAL, TRADITION IS ORAL: NARRATIVES OF CHILDREN AND BLACK QUILOMBOLAS FROM MUQUÉM, AL

Abstract: The objective of this article is, from the interest of the children of the Quilombola Community of Muquém, about the identity stories of their group, to re-

[1] Doutorando em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pedagogo e mestre em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor da Rede Municipal de Ensino de União dos Palmares, AL. Membro do ANIME (Grupo de Pesquisa em Africanidades, Imaginário e Educação). E-mail: artus2007nascimento@hotmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9622-7135

[2] Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF; Doutor em Educação pela USP. Membro do GT Filosofia Africana e Afrodiaspórica da ABPN; Líder do ANIME (Grupo de Estudos e Pesquisas em Africanidades, Imaginário e Educação). E-mail: julvan.moreira@ufjf.com.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1815-6268

elaborate and re-memorize, in a process of ritualization, narratives passed on to them by the elders, especially those who through mitanalysis, we identify those that are central to educational and individuation processes. We conclude that the stories that give identity, through memory, are instruments of imagination and identification by quilombola children, with the characters in the story, that is, essential elements to arouse curiosity, imagination and the hope of resolving their conflicts, experienced in the community, as well as, from them, work the different dimensions of the person's formation process, especially the cognitive, the affective, the ethical and the relational with the other and with the ancestry.

Keywords: Quilombola Children; Muquém; Antropology of the Imaninary; Ancestry.

EL ÁRBOL ES DE VIDA, EL CONOCIMIENTO ES ANCESTRAL, LA TRADICIÓN ES ORAL: NARRATIVAS DE NIÑOS Y NEGRAS QUILOMBOLAS DEL MUQUÉM, AL

Resumen: El objetivo de este artículo es, por interés de los niños de la Comunidad Quilombola de Muquém, sobre las historias de identidad de su grupo, reelaborar y memorizar, en un proceso de ritualización, narraciones que los ancianos les transmiten, especialmente aquellos que Mediante el análisis de mitanálisis, identificamos aquellos que son centrales para los procesos educativos y de individualización. Concluimos que las historias que dan identidad, a través de la memoria, son instrumentos de imaginación e identificación de los niños quilombolas, con los personajes de la historia, es decir, elementos esenciales para despertar la curiosidad, la imaginación y la esperanza de resolver sus conflictos. experimentados en la comunidad, así como, desde ellos, trabajan las diferentes dimensiones del proceso de formación de la persona, especialmente lo cognitivo, afectivo, ético y relacional con el otro y con la ascendencia.

Palabras-chabe: Niños Quilombolas; Muquém; Antropología de lo Imaginario; Ancestral.

L'ARBRE EST DE LA VIE, LA CONNAISSANCE EST ANCESTRALE, LA TRADITION EST ORALE: RECITS D'ENFANTS ET DE NOIRES QUILOMBOLAS DE MUQUEM, AL

Résumé: L'objectif de cet article est, dans l'intérêt des enfants de la Communauté Quilombola de Muquém, sur les histoires identitaires de leur groupe, de réélaborer et de re-mémoriser, dans un processus de ritualisation, les récits que leur ont transmis les anciens, en particulier ceux qui à travers la mitanalyse, nous identifions ceux qui sont au cœur des processus éducatifs et d'individuation. Nous concluons que les histoires qui donnent l'identité, par la mémoire, sont des instruments d'imagination et d'identification des enfants quilombola, avec les personnages de l'histoire, c'est-à-dire des éléments essentiels pour susciter la curiosité, l'imagination et l'espoir de résoudre leurs conflits, expérimentés dans la communauté, ainsi que, à partir d'eux, travailler les différentes dimensions du processus de formation de la personne, en particulier le cognitif, l'affectif, l'éthique et le relationnel avec l'autre et avec l'ascendance.

Mots-clés: Enfants Quilombolas ; Muquém ; Antropologie de I´maginaire ; Ascendance.

É O CAMINHO DO CAMINHAR...

"É pau, é pedra", mas não é o fim do caminho. É o início de um feito que finda com a representação simbólica daquilo que poderia ser uma tragédia, que deveras, anunciada. Uma enchente em que as águas chegam até a Comunidade de Remanescentes Quilombolas de Muquém, em União dos Palmares, Alagoas, Brasil. Simbolização porque pós "tragédia" que poderia ter ceifado várias vidas, mas não aconteceu, pois se transformou em obra de arte pelas mãos de uma artesã local.

Não só em arte, mas em memória. Memória de um povo que carrega em sua ancestralidade marcas daqueles que vivenciaram outras vidas, outras histórias, outras memórias naquele que foi o maior Quilombo existente das Américas, o Quilombo dos Palmares. Dito isto, reafirmamos não só o lugar, mas também as contribuições sociais, culturais, políticas e econômicas que os povos que vivem em Muquém herdaram dos de Palmares.

Neste sentido, direcionamos o olhar deste texto não só para as produções artísticas em que um fato que se narrará a posteriori, ocorreu na comunidade de Muquém e salvou vidas, mas também para como este tem afetado socialmente e educacionalmente as crianças de Muquém, que têm se apropriado dele, a partir dos saberes dos mais velhos, para contá-lo a outros. Reiteramos esta importância, não só pelo fato do saber ancestral em ouvir o mais velho, mas também como meio e forma de atribuir outros sentidos, outras vidas, às das crianças de Muquém.

No entanto, optamos por dividir a construção desta narrativa, para além de "é o caminho do caminhar", em três seções. Inicialmente apresentamos como as águas da enchente de dois mil e dez chegou até a Comunidade Quilombola de Muquém; utilizamos a Antropologia do Imaginário em Gilbert Durand e outros para fundamentar o mito que se apresenta a partir dos arquétipos em cena; apresentamos de forma

sintética a Comunidade Quilombola de Muquém, as crianças em suas particularidades, modos de brincar, de ser quilombola e outros.

A seção seguinte, a segunda, se propõe a dialogar a partir do campo teórico do Imaginário, a importância que a água e as árvores possuem enquanto elementos arquétipos especialmente no caso da Comunidade Quilombola de Muquém. Encaminha o olhar para como em diversas culturas os elementos apontados nesta seção – água e árvores – possuem diversos significados, quer seja no que diz respeito a desastres, ao divino, à subida e à descida e às diversas representações de cada uma.

Na última seção, narra-se literalmente não só como as crianças têm aprendido, contado, recontado o que foi este dia. Algumas já não mais crianças hoje. Outras que ouviram do fio condutor da memória dos seus pais, avós, bisavós o quão significante, glorioso, salvador foram as duas jaqueiras. A partir deste aprendizado, as crianças em Muquém contam com orgulho o que têm aprendido sobre aquele dia chuvoso, temeroso em Muquém. Ainda assim, esse feito se transforma em obra de arte pelas mãos da artesã palmarina, quilombola, alagoana, Dona Irinéia.

É um convite a outras infâncias! Outras vidas! Outros Quilombos...

Outros imaginários...

Outros possíveis...

ENTRE A ENCHENTE, MUQUÉM. DELE, OUTRAS CRIANÇAS... OUTRAS INFÂNCIAS...

Foram longos dias de um inverno bastante chuvoso na região Nordeste. O ano era dois mil e dez. Pernambuco e Alagoas foram os Estados em que as chuvas destruíram drasticamente grande parte de suas cidades. Em Alagoas, um dos municípios mais atingidos pelas águas, foi o de União dos Palmares, terra de Dandara, Acotirene, Aqualtune e também Zumbi dos Palmares e Ganga-Zumba, local que abriga também uma das primeiras comunidades de remanescentes quilombolas a ser reconhecida, que fica aos pés da Serra Barriga, hoje, patrimônio cultural do Mercosul.

Era dezoito de junho, após longos dias chovendo, quando na cidade União dos Palmares se escuta boatos de que a barragem Maria Maior, localizada em Canhotinho,

Pernambuco, se rompeu. O boato se confirma e ao cair da noite, as águas daquele que é o principal rio da cidade, o Rio Mundaú, transborda. Destrói ruas, deteriora alguns prédios públicos, deixa pessoas desabrigadas, sem seus pertences, sem seus entes queridos.

> A enchente marcou drasticamente a vida dos moradores da Comunidade de Remanescente Quilombola do Muquém. E esse acontecimento que muitos não esperavam evidenciou para os moradores uma nova organização social, um novo modelo de viver, as relações com os familiares, as disposições das casas. Assim, mais do que um fator natural, a enchente impactou diretamente a Comunidade do Muquém, pois houve uma modificação do espaço, surgindo um novo significado para aqueles que compactuam com as diferentes narrativas (RIBEIRO, 2018, p. 95).

Essa nova organização caracterizou-se em outro modelo de casa, organização social, política, cultural e econômica. Há quem diga na própria comunidade, em especial os mais velhos, que existem dois *Muquéns*: um rural e um urbano. Pois há ainda quem more em uma parte alta, rural, onde a água não chegou e há quem more na nova organização, onde as casas estão dispostas em formato de vila. A comunidade ganhou, por meio do programa da reconstrução da enchente, uma escola com diversas salas de aulas; um galpão para os artesãos guardarem suas obras de arte, um centro ecumênico, um posto de saúde etc.

Muquém é uma das primeiras comunidades de remanescentes no Estado de Alagoas a ter o título de reconhecimento de suas terras quilombolas, juntamente com mais seis comunidades – Cajá dos Negros, Povoado da Cruz, Alto do Tamanduá, Jacu, Mocó e Quilombo – exatamente no dia dezenove de abril de dois mil e cinco, dez anos após a reverência aos trezentos anos da morte daquele que é o maior líder do povo negro no país, símbolo da luta contra o processo de escravização e libertação, Zumbi dos Palmares.

O Estado de Alagoas possui cerca de sessenta e oito Comunidades Quilombolas, reunindo mais de seis mil famílias.

Figura 1: Mapeamento das Comunidades Quilombolas em Alagoas

Fonte: <http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidades-quilombolas-de-alagoas>.

Muquém localiza-se na região dos vales dos rios Paraíba e Mundaú, região coberta por serras, morros e matas. Não à toa, a comunidade está próxima aos pés da Serra da Barriga, local que abrigou o maior Quilombo existente das Américas, o de Palmares. E Muquém herda de Palmares a cerâmica, em forma de artesanato, aprendido de seus ancestrais; as danças, como coco de roda, capoeira, maculelê e grupos afros; a cura a partir das ervas medicinais e a tradição oral de transmitir os diversos saberes às diversas pessoas.

Parte das famílias em Muquém sobrevivem da agricultura familiar, outras do trabalho braçal no campo, algumas mulheres sobrevivem especificamente do artesanato, uma parte mínima dos moradores, de serviços prestados à prefeitura, de forma contratual ou como funcionários públicos. Estes são os diferentes modos e meios de sobrevivência dos quilombolas palmarinos atuais, que ironicamente, a água e o barro, dos quais tiram parte de seus sustentos, no caso dos artesãos, por pouco não tiveram suas vidas ceifadas.

A comunidade de Muquém é composta em média por cem famílias. Esta composição nos permite um olhar cercado de diferenças étnicas. O destaque aqui, foca nas figuras das crianças quilombolas de Muquém que, em sua maioria são, alegres, brincalhonas, divertidas, acolhedoras, sorridentes, percussionistas, dançarinas, participativas, estudantes, entre tantas outras. A que se dizer ainda que, algumas delas, especialmente, os adolescentes, quando não estão na escola ajudam seus pais nos afazeres domésticos e até mesmo no roçado.

Algumas das crianças de Muquém estavam nas duas jaqueiras que salvaram vidas diversas da Comunidade. Hoje, adolescentes, conseguem reviver o que foi aquele momento de tensão, desespero, medo ao lado dos seus familiares, amigos, vizinhos. Inclusive, a partir de sua memória, contam a outros como sobreviveram à enchente. Tinham outras vidas além das citadas acima. Alguns animais não ficaram para trás. Seus donos penduraram seus cachorros, bode, o que conseguiram salvar.

Quando brincam, brincam inclusive das brincadeiras que seus pais brincavam quando crianças, como, por exemplo: corrida do saco (brincadeira popular em que as crianças entram em um saco; devem sair pulando; marcam um ponto de chegada; dado a largada, quem tocar primeiro na mão de quem está na chegada vence a brincadeira). Brincam ainda de pegar pedra (juntam cinco pedrinhas, lança uma para cima e aos poucos vai pegando todas as pedras). No mais, ainda brincam de soltar pipa, pular elástico, corda, queimada, amarelinha e tantas outras.

A participação e o envolvimento das crianças nas atividades culturais têm sido um marco importante para socialização cultural das crianças em Muquém. Pois, além de participarem de rodas de capoeiras no galpão da comunidade, elas dançam em dois grupos de dança afro-cultural que têm na comunidade. Um, voltado para crianças com idade de até onze anos, não é regra, mas tem se observado que neste, o público tem idade menor e, no outro, voltado mais para adolescentes e são inclusive os que tocam os instrumentos utilizados para realização das coreografias.

Figura 2: As crianças de Muquém e suas brincadeiras

Fonte: SILVA (2018 – Arte de Dianini Lima).

Figura 3: As crianças de Muquém e suas brincadeiras

Fonte: SILVA (2018 – Arte de Dianini Lima).

Com a enchente do Rio Mundaú, que atingiu a comunidade quilombola de Muquém, parte da comunidade não teve para onde ir. Algumas pessoas conseguiram escapar a tempo, não sendo pegas de surpresa. Outras não tinham para onde ir e ficaram por quase doze horas ilhadas. Artesãos ficaram sem os seus fornos. Em várias casas, os pertences, como os elementos culturais, foram levados pelas águas. Restaram-lhes vidas, fé e esperança. Para outras, a possibilidade de ter encontrado no breu daquela noite desesperadora, a ascensão, a salvação, na subida em dois pés de jaca ou como se ouve na comunidade, jaqueiras[3].

Este fato foi tão marcante para a comunidade quilombola de Muquém, que essa história é rememorada, sendo narrada e recontada entre os membros da comunidade, assim como para os visitantes. E, chama-nos a atenção que essas árvores da comunidade ganharam uma representação simbólica especial, fazendo parte das histórias que se repetem pelos mais velhos às crianças, nesse processo de formação da identidade quilombola desse grupo em particular. Consideramos esse fato central, se constituindo o mitema desse grupo, e como afirmara a filósofa Fétizon (2002, p. 230):

[3] A destruição causada pelas chuvas na região de União dos Palmares foi notícia na imprensa nacional. Assim como das árvores que salvaram os seus moradores: http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/09/arvores-salvam-quilombolas-da-enxurrada-em-uniao-dos-palmares.html

> Formalmente, entendo que a *educação* é o processo e o mecanismo da construção da humanidade do indivíduo, ou da pessoa (como preferirem). Enquanto processo, a *educação* é pertença do indivíduo (ou da pessoa) – isto é, é o processo pelo qual, a partir de seu próprio equipamento pessoal (biofisiológico/psicológico), cada indivíduo se autoconstrói como *homem*. Enquanto mecanismo, a *educação* é pertença do grupo – é o recurso (ou o instrumento) que o grupo humano – e só ele – possui, para promover a autoconstrução de seus membros em *humanidade* (ou como *homens*).

Se compreendermos que uma das funções da educação está profundamente ligada com a formação humana (ALMEIDA; FERREIRA-SANTOS, 2011, pp. 15-30), o rememorar a história da enchente ocorrida na comunidade quilombola de Muquém e a simbolização das árvores que salvaram as pessoas, especialmente com a identificação desse mitema na contação de histórias para as crianças da comunidade, despertou-nos em realizar uma mitanálise.

> Gilbert Durand (1979a, 1979b) defende que há continuidade entre as antigas mitologias e as narrativas modernas como literatura, cinema, filosofia, política, história etc. Ainda que o mito não seja nomeado ou apareça diretamente nessas narrativas, ele está lá presente, em um nível simbólico, sustentando o sentido desses textos, discursos e imagens. O trabalho do hermeneuta é justamente trazer à tona dessas formulações seu(s) mito(s) subjacente(s). Para essa tarefa de penetrar no imaginário e compreender os mitos que o configuram, Gilbert Durand (1979a, 1979b, 1994, 1996, 2000) desenvolve duas heurísticas, dois recursos metodológicos –ou mitodológicos, se se preferir –, a saber: a mitocrítica e a mitanálise (ALMEIDA; ARAÚJO, 2018, p. 19).

A mitocrítica procura identificar o mito ou mitos que estão presentes na obra ou na criação artística de um autor, enquanto a mitanálise tem como objetivo levantar os mitos presentes numa ideologia e nos contextos histórico-socioculturais de um grupo.

Ribeiro (2018) apontava acima que houve uma nova organização social, uma nova forma de viver, tanto nas relações familiares, quanto nas sociais. E, qual a importância dessa nova configuração e como se dá a transmissão dos saberes desse grupo sociocultural para as novas gerações, especialmente as crianças?

As crianças da Comunidade Remanescente do Muquém são marcadas na construção de suas identidades a partir dessas narrativas, em que a imagem da árvore ganha uma centralidade na constituição do grupo, como a de um totem, um ancestral.

A oratura ou oralitura está no centro da atividade educativa afro-brasileira: os contos, as lendas, os mitos, os provérbios, as máximas, os aforismos, os cantos e os jogos são instrumentos didáticos para auxiliar a ciência educativa, por outras palavras, assegurar ao mesmo tempo sua instrução e sua educação (OLIVEIRA, 2009, pp. 223-252).

A palavra é uma dimensão vital para os negros, fazendo parte da personalidade e da cultura. Nela, o espiritual e o material não estão dissociados. É a grande escola da vida, como mostra Hampâté Bâ (2003, pp. 197-198):

> Todos estes ensinamentos fundavam-se em exemplos concretos fáceis de as crianças compreenderem. Algumas cenas que observavam propiciavam aprofundamentos: uma árvore abrindo os galhos em direção ao espaço permitia explicar como tudo no Universo, se diversificava a partir da unidade; um formigueiro ou cupinzeiro ofereciam a ocasião de falar sobre as virtudes da solidariedade e das regras da vida social. A partir de cada exemplo, de cada experiência vivida, o bawo e os anciãos ensinavam aos meninos como se comportarem na vida e as regras a respeitar em relação à natureza, aos semelhantes e a si mesmos. Eles os ensinavam a ser homens.

Durand (1985) nos diz que todo grupo social tem um mitema estrutural, ou seja, um mito que é patente, que evidencia as ideologias, os costumes etc., enquanto há outro latente. O patente se expressa "pela repetição explícita de seu ou de seus conteúdos" (p. 254), o que identificamos com as narrativas sobre as árvores, enquanto as águas que vieram com a enchente marcam o mito que está latente nessa comunidade, pois há uma repetição de seu esquema de intencionalidade, embora não central nesse momento.

Falar da memória de uma comunidade a partir do arquétipo da água e da árvore é falar de uma construção simbólica, portanto cultural, ou seja, de uma fabulação que nem sempre tem os cursos de água em sua simplicidade, mas tomadas como correntes vivas, remoinhos, turbulências, fluxos, mais todos os outros objetos e seres associados, da mesma forma sobre as representações da árvore.

De fato, se na percepção cotidiana apreciamos a monossemia nos sinais que usamos, é na comunicação, especialmente na educação, que valorizamos o campo da polissemia, campo da experiência do sagrado, do místico, nos quais as culturas humanas sempre interpretaram os objetos do mundo de acordo com a natureza, não de acordo com nossa visão antrópica ou antropocêntrica. É o que tradicionalmente tentou fazer a

geomancia e, em particular, a hidromancia, com os ritos divinatórios através de oráculos.

Portanto, a água fala, sente, canta. Em princípio, a água, desde a cosmogonia mais antiga, sempre foi unida ao sagrado, aos mitos fundamentais de praticamente todas as culturas. A água tem sido, portanto, um oceano ou magma primitivo, mas então, em sua dispersão, teve muitas valências, uma delas foi a de ponte entre dimensões.

A água é, por exemplo, local da travessia do barqueiro Caronte, na mitologia grega, levando as almas de um mundo a outro, assim como todos os rios da mitologia que cercam o submundo. Essa sacralidade é preservada nas representações simbólicas das fontes, dos poços, dos lagos, dos rios e dos oceanos, ou seja, a própria água é um exemplo de hierofania da natureza, de expressão da feminização (DURAND, 1997), isto é, da Deusa Mãe, de cosmofania, isto é, do revelar-se como fonte de poder que domina e transborda tudo nos humanos, daí os mitos do tufão e todas as inundações e inundações, sempre ligadas para um mundo sobrenatural.

> Existiria uma diferença sutil entre a maternidade das águas e a da terra. As águas encontrar-se-iam no princípio e no fim dos acontecimentos cósmicos, enquanto a terra estaria na origem e no fim de qualquer vida. As águas seriam, assim, as mães do mundo, enquanto a terra seria a mãe dos seres vivos e dos homens (DURAND, 1997, p. 230).

Exatamente sobre esse imaginário, em que as águas são fundantes, através da enchente dessa nova configuração de Muquém, assim como a terra, representada aqui pela árvore, que podemos compreender a construção dessa identidade quilombola do Muquém.

A estreita relação entre homem e natureza é uma característica das culturas africanas, sendo um dos pilares sobre os quais compreendemos suas cosmovisões. Nelas, a árvore é o elemento natural que funciona como um elo entre ambos os mundos, importante referência simbólica das representações que o homem possui, de si e de algumas divindades, tais como Iroko para os yorubas ou o Inquice Tempo para os bantos (Angola ou Congo), assim como o baobá.

Mircea Eliade (2001) estudou cuidadosamente as múltiplas interpretações da árvore, enfatizando que ela tem um poder especial, não apenas como teofania, mas também como fonte de energia, vida e poder. A árvore está carregada de forças

‘sagradas’ porque é vertical, porque cresce, perde as folhas, mas as recupera, ou seja, se regenera inúmeras vezes. Sem dúvida, a árvore pode se tornar um símbolo do universo e, sob essa forma, encontramos em diversas civilizações a árvore como representação do universo e é o universo, porque o repete nesse “descer e subir”, nesse morrer e renascer (DURAND, 1997, pp. 328-329).

ENTRE AS ÁGUAS E AS ÁRVORES EM MUQUÉM

A água e a árvore são representações simbólicas de importantes matrizes arquetipais, sob a perspectiva da antropologia do imaginário, cujos estudos tecnológicos sobre água, os usos sociais vinculados à água e o seu simbolismo dificilmente tornam visíveis. Precisamente, é a partir de catástrofes e desastres relacionados à água, como dos naufrágios ou, como do caso da Comunidade Quilombola do Muquém, das enchentes, que podemos apreciar esta dissociação dos estudos sobre a água e a necessidade de uma abordagem simbólica, integradora, como supõe os estudos da cultura da água.

Compreender o mundo da cultura da água requer um olhar que perceba o valor da água em uma cultura através de certos processos, como a identificação da sacralidade ou energia das águas com um ser sobrenatural que é tomado como o ancestral da própria comunidade (RIBEIRO, 2014).

As mitologias de diversas culturas vão nos ensinar sobre seres ligados às águas (xanas, ondinas, ninfas), se constituindo basicamente de divindades com arquétipos maternais, afetivos, de acolhimento. É possível inferir que as “divindades” mais contemporâneas maternais também estão diretamente ligadas à água, como Nossa Senhora Aparecida, cuja narrativa nos conta de três pescadores que a içaram das águas barrentas do Rio Paraíba do Sul ou Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora da Boa Viagem, cujos navegadores pediam proteção contra as tempestades e perigos do mar e dos rios.

Na tradição cultural religiosa afro-brasileira, há orixás cujo elemento é a água: “Estas divindades relacionam-se com a fecundidade e a riqueza, a feminilidade e a

maternidade. Distinguem-se, globalmente, pelo charme, pela sensibilidade, pela emotividade, pela ausência de agressividade" (LÉPINE, 2000, p. 147).

Mas, também existem as divindades com uma conexão infernal, como a poços, que estão relacionados à morte. Essa ideia da divindade sem nome aparece com frequência ligada a uma concepção "sinistra" do divino (OTTO, 2007). Neste caso, a divindade é temida, a ponto de não ser invocada ou mencionada pelo nome, mas por um adjetivo ou apelido.

Alguns povos, como os celtas, desenvolveram cultos a fontes e poços, que também deram origem a devoções e santuários consagrados às divindades aquáticas. São divindades que protegem especialmente a natureza, a floresta, as águas, o submundo. Um bom exemplo desse sentido aberto e contraditório do imaginário popular e do nosso folclore é o boto (ver referência sobre boto).

Nessa possibilidade de morfologias ou fisionomias entre o humano e o animal monstruoso com representação grotesca, portanto, teriomórfico (DURAND, 1997), temos a ligação entre a água e a caverna ou as entranhas da terra. Portanto, há um entrelaçamento dos símbolos relacionados à Lua, à Oxum, à Yemanjá, às Xanas, com as profundezas. As divindades da água geralmente se comportam com o mesmo papel de "condutores de alma" presentes nas divindades ctônicas clássicas.

A árvore, assim como a água, também tem se apresentado como representação de diversas narrativas míticas:

> A árvore é um dos arquétipos que instauram os mitos do progresso e os messianismos históricos e revolucionários. Pela floração, frutificação e caducidade das suas folhas, incita-nos a sonhar um devir dramático. Mas o otimismo cíclico é, neste arquétipo, reforçado, porque a verticalidade da árvore orienta de uma maneira irreversível o devir e o humaniza. Insensivelmente, a imagem da árvore nos faz passar da fantasia cíclica para a progressista. Há um mecanismo subjacente ao simbolismo da folhagem e toda árvore que brota ou floresce é uma árvore de Jessé (TEIXEIRA, 2000, pp. 62-63).

A gradual dessacralização da cultura com a ascensão do racionalismo, do empirismo e do positivismo, bases da moderna ciência e tecnologia, trouxe uma desvalorização da natureza, reduzida a um depósito de matéria-prima, destituída de alma, de vida, como a sabedoria ancestral a concebeu.

A água tem importância fundamental no aprendizado das abluções e no dia a dia, principalmente nos banhos de purificação do corpo e da alma. O "banho de ervas", variando de acordo com os fluidos que a pessoa carrega, e de acordo com o orixá que a pessoa traz, para purificar, limpar e energizar; cada erva possuindo sua finalidade. O "banho de cheiro", que traz a sorte, bons fluidos e energias positivas. O "banho de cachoeira" ou "banho de mar". Resumindo, a água possui grande força para as culturas afro-brasileiras.

Na origem do pecado, na tradição judaico-cristã, uma árvore está presente, a árvore do bem e do mal, como estará no momento da redenção, embora simplificada em uma madeira, na forma de cruz.

> O atributo de Prometheus Christus provém de *aquele que é ungido* (Christus), sendo que a unção é sempre realizada, na tradição hebréia, com óleos obtidos da resina das árvores, o óleo santo. De outro lado, há correntes filológicas que afirmam o parentesco de Cristo com o Krishna hindu. Nesse sentido, o poema védico que trata dos "divertimentos" e "ensinamentos" do Senhor Krishna chama-se Upanishad que, por sua vez, significa em sânscristo *pôr-se aos pés da árvore para ouvir as palavras do mestre* (TEIXEIRA, 2000, p. 67).

A presença da árvore é, portanto, uma constante na configuração histórica, religiosa ou mitológica do ser humano, quase sempre associado à vida; embora também possa encaminhar para a morte. Basta lembrar o seu uso como uma forca para executar o condenado.

A árvore ganha diversas configurações, especialmente em suas miniaturizações, pelas diversas plantas e ervas muito comum a todas as pessoas que pertencem às comunidades de tradição afro-brasileira. O aprendizado sobre plantas e ervas e o conhecimento sobre elas acontece cotidianamente. O aprendizado sobre as folhas que são calmantes (*ero*), as que são excitantes (*gun*), as "folhas do ar e do vento" (*eweafeefe*), as "folhas do fogo" (*eweinon*), as "folhas da água" (*eweomí*), as "folhas da terra" (*ewe ilê*) e as "folhas da floresta" (*eweigbo*), tão presentes para qualquer pessoa em uma cultura tradicional africana, por mais simples que seja. Ou seja, o conhecimento de botânica é muito profundo para os afro-brasileiros, como demonstrara Verger (1995) e Barros (1999; 1993).

Mas dentro desse polimorfismo simbólico, a árvore assume uma função especial, raramente relatada na literatura. É através dela que se acessa o mundo dos mortos e retorna-se com vida, o que a torna um elemento protetor, seja pela cruz, cristã; seja pela espada de Ogum.

Em outros casos, será a árvore que fornece descanso ou mesmo refúgio em suas concavidades, aparentemente inacessíveis, como no pensamento de Paulo Freire (1995, p. 15):

> As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mais intensa ou menos intensa, em função de sua resistência ao vento. As boas-vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive os passarinhos, multicolores e cantadores. Há bichos pacatos que nelas repousam.

A árvore, nesse sentido, torna-se símbolo da mediação entre dois lados (a verticalidade e a horizontalidade), entre dois mundos (a materialidade e a espiritualidade). Ela é a mediadora, quem faz a troca ou produz a harmonia entre os contrários, presentes no guia, na iniciadora, como nossas "mães de santo", com suas funções de serem intérpretes e porta-vozes da vontade dos deuses entre nós.

À luz desse referencial, são evidenciadas as dimensões míticas e ideológicas do discurso educativo presentes no interior da Comunidade Quilombola de Muquém, em que os mais velhos, ao rememorarem aos mais novos a tragédia enfrentada pelas águas e a sobrevivência dada pelas árvores, confirmam os pressupostos de que a teoria explica a vida.

AQUILOMBEMOS OUTRAS INFÂNCIAS... OUTROS QUILOMBOS... OUTRAS ÁRVORES DA VIDA...

Há dez anos uns não eram nem nascidos em Muquém, outros muitos pequenos, de boas memórias, da recordação daquele dia triste, assombroso, com a real possibilidade de se terem suas vidas levadas pelas águas daquele que ironicamente "dava o sustento" de muitos artesãos da comunidade, porque é de lá que ainda se tira o barro, se utiliza da água para diversos afazeres, inclusive, como de vida para alimentar outras vidas.

Mas do dezoito de junho fica a lembrança daquele que é o dia marcante na vida dos que encontraram a possibilidade de salvar suas vidas em duas jaqueiras. Hoje, não só os que viveram aquele momento, mas também as crianças de Muquém contam com propriedade o que foi aquele momento para todos.

Inicialmente, Maria[4], que era uma adolescente a época, nos conta:

> *Recordo que foi o maior desespero na comunidade, porque a gente não sabia o que fazer: se ajudava a juntar as coisas que a gente tinha em casa, se corria e deixava tudo para trás. Foi muito desespero de todo mundo na comunidade, porque a água invadiu a comunidade toda. Ficamos sem saber para onde ir*.

Em seguida, João, outra criança, de quando conversamos a respeito de como se deu este momento em Muquém, nos lembra que:

> *Se tem uma coisa que esse povo tem é fé e esperança. E, mais de sessenta pessoas viram em duas jaqueiras, a possibilidade de salvar suas vidas e assim fizeram. Correram, subiram nos dois pés da jaqueira e conseguiram se salvar da água que deixou eles ilhados.*

Figura 4: as jaqueiras e parte dos que se salvaram nelas

Fonte: g1.globo.com / Foto: Glauco Araújo/G1

[4] Em razão de preservar suas verdadeiras identidades, todos os nomes serão fictícios.

Figura 5: as jaqueiras e parte dos que se salvaram nelas

Fonte: g1.globo.com / Foto: Glauco Araújo/G1

Engraçado que quando conversado com Joaquina, ela conta que houve momentos de medo e aflição diante daqueles que salvaram suas vidas. Conta ela:

> *Primeiro que em cima desses dos pés de jaca tinha gente de tudo que é idade. Foram mais de setenta pessoas. Tinha até os cachorros, os papagaios, os periquitos da vizinhança. Mas foi uma gritaria danada para que todo mundo subisse e se salvasse*.

Houve um momento assustador, lembra Maria:

> *Do nada apareceu uma cobra em um dos pés de jaca e foi aquela maior gritaria. Mãe, socorro! A cobra vai me picar, socorro! Até que alguém pediu para que o menino se acalmasse que logo, logo ela sairia.*

Foram desesperadores outros momentos no decorrer daquela madrugada porque ventava forte, as árvores balançavam, o medo de alguém cair na água e a correnteza levar era grande. Porque ali ninguém dormia, ali ninguém podia descer. Toda necessidade fisiológica, se necessário, era feito ali mesmo. Mesmo assim, é preciso ressaltar que ninguém delas desceu, ninguém delas caiu.

Hoje, apesar de não mais existirem, as árvores de Muquém, foram sacralizadas e continuam sendo rememoradas nas vozes das crianças, representação de uma ancestralidade da comunidade quilombola de Muquém.

Como os ancestrais ganham representações materiais, simbólicas (LEITE, 2008), assim ocorre em Muquém, quando as árvores se tornam presentes pelas mãos da artesã quilombola, Dona Irineia, patrimônio cultural vivo do Estado de Alagoas, que transformou o feito em obra de arte.

Na vida cotidiana usamos muitas metáforas de forma automatizada, que revelam nossas experiências com a água e com a árvore. Dizemos, por exemplo, que nos sentimos "oprimidos" ou que uma pessoa fala "fluentemente", e tantas outras falas populares, como “as águas de março”. Há, podemos afirmar, uma conexão profunda entre a realidade da água e as experiências coletivas ou individuais.

> Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia!
> (...) Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2015, pp. 17-18).

Podemos imaginar essa sensação nas crianças de Muquém, durante a enchente que se transformou em memória, recontada pelas crianças atuais como se as tivesse vivido. Mas, as águas/lágrimas das mães negras, que acolhem, também são presentes em suas vidas.

No caso de Muquém, a água é utilizada para fabricação dos artesanatos que são feitos a mão pelos artesãos da comunidade. Como relata Lara: - "*engraçado que com a mesma água que minha mãe utilizava para fazer seus artesanatos com o barro, foi a mesma água que levou tudo que ela tinha feito. Não sobrou nada do que ela tinha feito, a água levou tudo*".

Há, também, em nosso imaginário, muitas histórias que envolvem moleques d'água, que têm como referências as situações desagradáveis e inexplicáveis, sobre crianças que morreram afogadas e se transformaram nessa figura mítica:

> Também é interessante ressaltarmos que o uso dessa história como arquétipo educacional se enquadra naquelas práticas populares que enfocam a tragédia inicial como modelo a não ser seguido. Por outro lado, cabe destacarmos o perfil dos moleques d'água: garotos negros, carecas, que andam pelados e que surgem de repente, próximos a pedras e ilhas do rio. Eles, segundo se acredita, moram no fundo do rio e servem, por isso mesmo, como exemplos ameaçadores para que as crianças nunca fiquem sozinhas na beira d'água, pois podem ser sugadas para dentro, por meio da sombra dos moleques d'água (OLIVEIRA, 2016, p. 717).

Outras experiências cotidianas da água estão naquele jarro para carregar a água, profundamente ligado à estrutura mística (DURAND, 1997), sendo o mesmo que aparece em muitas oferendas das religiões de matrizes africanas. Aqui, há uma feminização da natureza como um lugar sagrado.

Compreender o mundo da cultura da água requer um olhar metafórico que vai além do significado literal dessas histórias de orixás, ninfas, fontes e dragões; que tentar perceber o valor da água em uma cultura através de certos processos de simbolização, como personificação, ou seja, a identificação do sagrado ou energia das águas com um ser sobrenatural que é tomado como ancestrais ou origem da própria comunidade.

E essa crença legitima cultos, legitima lugares de memória e legitima lendas que sempre falam de um espaço sagrado, que serve de referência à comunidade. A água é então um veículo dessas crenças. Água é frequentemente o fio no qual os outros elementos da vida são amarrados. E, no caso da Comunidade Quilombola de Muquém, é através dela, mesmo que pela enchente, que se construirão uma identidade a partir da árvore.

Por isso, vale considerar que o conhecimento das culturas e mitologias da água e da árvore contribuirão decisivamente para a aquisição das competências básicas da educação na Comunidade Quilombola de Muquém. Como diz Morin (2000), esses mitos sempre afetam a multi-causalidade das ações humanas. Isto é, estamos diante de uma cultura altamente complexa, por esse motivo, a síntese é necessária capaz de integrar os dois pólos, a vida e a escola.

Assim, conhecendo as tradições e o imaginário da cultura da comunidade, a escola sensibiliza as crianças para os valores dessas manifestações culturais, que sempre visam ao respeito e ao conhecimento do patrimônio natural e cultural, se constituindo, no fundo, com a educação.

Seja como for, se algo ultrapassa fronteiras e localidades, é a água, porque vem e vai de um lugar para outro, por isso é um bom símbolo de tradições que ensinam diversidade, no quadro de uma herança complexa, como esses de mitos e lendas, com diferentes línguas, culturas, etnias e religiões, e ainda assim comunicadas pelo peso da história compartilhada.

Todas essas personagens, reais ou mitológicas, clássicas ou modernas, profanas ou religiosas, das divindades africanas aquáticas etc., contribuem para formar uma imagem da cultura africana, que devemos preservar e transmitir, e quem sabe ler nas entrelinhas dos discursos figurativos, das metáforas ou personificações e de seus símbolos.

Ao mesmo tempo, todo esse conhecimento da cultura tradicional africana e seus intertextos ligados à cultura da água devem levar a uma nova prática educacional, que também apontam para novos pilares, como a de uma educação ambiental, profundamente enraizada nas culturas africanas, ou seja, que toda educação é educação ambiental; que as questões ambientais são complexas e para os moradores da Comunidade Quilombola do Muquém a educação ocorre no diálogo com o próprio meio natural e sócio-cultural e com a sua própria preservação; que a experiência do contato com o mundo exterior, o chamado mundo natural, é essencial para compreender o meio ambiente e levar a educação assumir a desafios para construir uma sociedade sustentável, assim como desenvolver competências individuais para lidar com os sistemas naturais.

Aqui também se trata de tornar visível a cultura água, contra a opacidade a que foi submetida, e valorizar todas as suas expressões. Concluindo, essa cosmovisão da água explica muitas narrativas de nossas comunidades, suas metáforas e imagens poéticas.

A árvore, em sua verticalidade, conecta o mundo terrestre ao mundo celestial. Uma conexão que lhe dá a força da qual é símbolo e esse poder que permite dominar todos os espaços, conhecidos ou desconhecidos, porque se apega, através das raízes, a terra, criando acesso a um mundo subterrâneo; e aspira, com o extenso crescimento de seus ramos, ao topo, abrindo caminho de entrada para um mundo aéreo e sobrenatural. Entre esses dois mundos, e conectando-os, há a árvore, que, portanto, adquire poder especial e é capaz de proteger aqueles que fogem ou são abandonados.

> Iroco era uma árvore muito importante, importante a valer. Tão importante que todos iam ao pé dela para pedir coisas, dar-lhe presentes, olhar sua beleza e imponência. (...) Vendo aquilo, todos os orixás correram para o pé de Iroco, para uma grande junção. ("Gente comum faz reunião; orixá faz junção...") Chegaram trazendo suas comidas prediletas: Ogum levou inhame assado. Oxossi levou milho amarelo. Omolu levou pipoca e feijão preto, Ossaim levou farofa de mel de abelhas, Oxumarê levou farofa de feijão, Xangô levou amalá, Oxalufã levou milho branco, Oxaguiã bolos de inhame cozido, Orumilá levou ossos.
>
> Exu chegou correndo e levou cachaça. Ajoelhou-se nos pés de Iroco e jogou três pingos no chão, cheirou três vezes e bebeu um pouco. Nesse momento, Iroco transformou-se numa árvore. Ogum em cachorro, Oxossi em vagalume, Omolu em aranha, Oxalá em camaleão, Oxumarê em cobra, Xangô em cágado e as comidas ficaram no pé da árvore (MARTINS; MARINHO, 2002, pp. 117-120).

O orixá Iroco, dos nagôs (iorubás), ou o inquice Tempo, dos bantos (Angola, Congo), é símbolo da vida, da vida em todos os níveis, do elementar ao místico, árvore assimilada à mãe, à primavera, à água primordial, e como árvore da vida, com seus frutos, evoca na maioria das vezes a imagem da mãe.

A árvore desempenha um papel importante, pois serve como refúgio e salvação, sendo para além de uma árvore protetora, uma árvore habitada.

A árvore, elemento silencioso e discreto, não apenas molda uma paisagem, mas estima uma forte carga simbólica capaz de resultar na configuração de protagonistas desde o nascimento e, sobretudo, naqueles que esperam um destino especial. A proteção

que oferece é uma realidade, sob o descanso nas suas sombras e com os seus frutos para saciar a fome.

A árvore tem um significado de maternidade, para Jung (2014, (570) p. 326)

> A árvore explica o tema vegetal do mandala e o seu crescimento súbito representa a elevação de nível, ou a libertação da consciência induzida pelo movimento dextrogiro. Pelo mesmo motivo a árvore "filosófica" é um símbolo da *opus* alquímica que, como sabemos, também representa um processo de individuação.

Memórias de uma, de várias vidas, que se eternizarão em outras vidas que perpassará de geração em geração. Memórias que o tempo não conseguirá apagar, pois caminhará entre as suas e outras memórias memoráveis. Assim, aqueles que vivenciaram o fato narrado, a enchente, as árvores, contarão aos seus, que contarão aos outros seus em um futuro não tão distante.

São memórias de uma criança hoje, que se tornará o adulto de amanhã. Ah! Precisamos demarcar estas e este território-espaço-tempo. Crianças franzinas, algumas frutos das relações parentais entre primos, outras, fruto da desigualdade social e econômica que desde mil e quinhentos persegue a população negra deste país e consequentemente as crianças.

Crianças que vivem em uma zona rural, espaço de remanescentes quilombolas, "pobres", "marginalizadas", "excluídas", "desprovidas de políticas públicas", entre tantas outras. Mas o que não se sabe e, é preciso dizer, é que elas são frutos daqueles que lutaram pela liberdade do seu povo; que o sangue que corre em suas veias é dos ancestrais que viveram no Quilombo dos Palmares; que suas histórias se assemelham com as dos seus antepassados; que Dandara, Acotirene, Aqualtune, Ganga-zumba, Zumbi dos Palmares e outros, continuam a inspirar essas crianças, outras infâncias, a quilombola. Nesse sentido, reconhecemos que "as crianças têm elaborado estratégias simbólicas e discursivas de enfrentamento do racismo e isso deveria ser potencializado pelas instituições educacionais" (SANTANA, 2018, p. 84).

Infâncias pautadas na escuta atenta aos mais velhos. Nos ensinamentos das tradições orais, passada de uma geração a outra. Na escuta sensível a voz calma e mansa que ensina sobre brincadeiras das infâncias, sobre danças antigas, sobre corpos em movimentos, sobre vidas e infâncias outras que se movem, que se reinventam, que

criam e recriam. Sobre uma infância artesã a partir do barro que se transforma em saberes de gerações outrora, que agrega valor cultural à atual e o transforma também em arte.

PELOS NOSSOS, UM CONVITE...

A motivação para a escrita deste texto é um convite. Convite, no sentido de possíveis aquilombamentos, de possíveis infâncias quilombolas, de possíveis vozes ecoadas nestes espaços de tantos outros possíveis – a quebra de uma infância hegemônica, única, centralizadora – para vozes de várias infâncias negras, quilombolas. São esses outros possíveis que nos movem e movem tantos outros de nós. Não só representativo, porque para nós, importa e um tanto, mas também por sermos nós, outros. São longos passos de muitas caminhadas. Lutas por nós, pelas crianças quilombolas, pelos nossos ancestrais, pelos saberes que produzem, transmitem e ensinam.

É por aqueles que não escolheram o lado fácil da história: Dandara, Acotirene, Aqualtune, Ganga-zumba, Zumbi dos Palmares e tantos outros e outras que há mais de quinhentos anos, deixaram seus legados históricos, sociais, econômicos e culturais. É especificamente pelo modo como em Muquém esses saberes têm ganhado outros significados, outros modos operantes, mas que de uma valiosa contribuição para os seus e para outros. Não só como transforma barro em obra de arte, mas também como transmitem esses saberes aos mais novos. Não só como transforma catástrofe em narrativas orais e transmite aos mais novos, mas também como transforma esta, em vidas outras.

É como as crianças em Muquém, especificamente aquelas que viveram intensamente o dezoito de junho de dois mil e dez, contam para as crianças mais novas, e até mesmo sobrinhos, a importância que duas árvores possuem em suas vidas. Por mais que não estejam mais entre eles – as árvores –, elas estão vivas em suas memórias, que atravessam outras memórias, outras vidas. Foi redenção, foi salvação.

Aporta-se do contributo da Antropologia do Imaginário para fundamentar o que a água e as árvores enquanto símbolos, aquilo que é material, conseguirmos enxergar,

que mesmo utilizando símbolos, estamos na realidade falando de uma invisibilidade, ancestral, que envolve os elementos que nos leva a esta análise na Comunidade Quilombola de Muquém.

É os modos como as crianças em Muquém brincam. É os modos como elas lidam com a escuta atenta aos saberes que são transmitidos de uma geração a outra. Não é só e unicamente pelo artesanato, mas é também pelas rodas de capoeira, pelos grupos de danças afros, pelas ervas medicinais que curam feridas, aliviam dores. É ancestral. E, como tal é digno de toda reverência. São infâncias, no plural. É plural porque é diversa. É diversa porque escapa. Escapa porque não é única. E tudo que escapa é também pelos nossos. Se, pelos nossos, é aquilombamento.

Se aquilombamento...

Árvore da vida... que vida?

Figura 6: árvore da vida feita pela artesã de Muquém, Dona Irineia

Fonte: Costa, 2018.

De todas crianças e negras quilombolas...

Devir-crianças e negras e quilombolas...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rogério de; FERREIRA-SANTOS, Marcos. Humanitas: a educação entre as estruturas de poder e a potência existencial. In: *Antropolíticas da Educação*. São Paulo: Képos, 2001, pp. 15-30.

ALMEIDA, Rogério de; ARAÚJO, Alberto Filipe. Fundamentos Metodológicos do Imaginário: mitocrítica e mitanálise. In: *Téssera*, vol. 1, nº 1. Uberlândia: Revista do GT Imaginário, Representações Literárias e Deslocamentos Culturais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, julho a dezembro de 2018, pp. 18-42. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/tessera/article/view/42944/24672>. Acesso em: 25 de julho de 2020.

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel*: o menino Fula. São Paulo: Palas Athena / Casa das Áfricas, 2003.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *Ewé Òrìsà*: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *O segredo das folhas*: sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

CONCEIÇÃO EVARISTO. *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

COSTA, Jairo José Campos da. *Espaço de Memória Artesã Irinéia Rosa Nunes da Silva*. 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/MuseuMuquem/photos/a.808416755961438/1460910144045426. Acesso em 24 de junho de 2020.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. Sobre a Exploração do Imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. In: *Revista da Faculdade de Educação*, nº 11, volume ½. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985, pp. 243-273.

ELIADE, Mircea Eliade. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, São Paulo, 2001.

FÉTIZON, Beatriz. *Sombra e Luz*: o tempo habitado. São Paulo: Zouk, 2002.

GLAUCIO, Araújo. *Quilombolas contam como escaparam da enchente em jaqueiras*. 2010. Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/06/quilombolas-contam-como-escaparam-da-enchente-em-jaqueiras.html. Acesso em 20 de junho de 2011.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (9/1). Petrópolis: Vozes, 2014.

LÉPINE, Claude. Os estereótipos da personalidade no candomblé nagô. In: MOURA: Carlos Eugênio Marcondes de. *Candomblé*: religião do corpo e da alma – tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. *A Questão Ancestral*: África Negra. São Paulo: Pallas Athena / Casa das Áfricas, 2008.

MARINHO, Roberval; MARTINS, Cleo. *Iroco*: o orixá da árvore e a árvore orixá. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. *Africanidades e Educação*: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de Kabengele Munanga. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. Causos do imaginário e da memória negra: contribuições para uma antropologia educacional. In: *Educação em Foco*, vol. 21, nº 3. Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016, pp. 709-734.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional Petrópolis: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Levy Felix. *Território e Memória*: uma etnografia da Comunidade Remanescente Quilombola do Muquém em União dos Palmares – Alagoas. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas, 2018.

ITERAL Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas. *Mapa das comunidades quilombolas de alagoas*. Disponível em: <http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidades-quilombolas-de-alagoas>. Acesso em: 25 julho. 2020.

RIBEIRO, Cláudia Maria. *Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade*. Relatório de Pós-doutorado. Braga, Portugal: Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2014.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. As pluralidades do ser criança no Quilombo Mato do Tição – MG. In: *Revista ABPN*, vol. 10, ed. Especial. Janeiro de 2018, pp. 66-87. Disponível em:<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/530/408>. Acesso em 25 de julho de 2020.

RIBEIRO, Cláudia Maria. Águas encantadas: gênero e sexualidade no imaginário ribeirinho caboclo. In: *Intermeio*, vol. 23. Campo Grande: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMS, 2017, pp. 153-170.

RIBEIRO, C. M.; ARAUJO, Alberto Filipe. Imaginário das águas especulares: potencializando significados. In: *Linhas*, vol. 17, nº 34. Florianópolis: Revista do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, 2016, pp. 132-148.

SILVA, José Artur do Nascimento. *As Práticas Curriculares Acerca do Educar Para as Relações Étnico-Raciais na Escola da Comunidade Quilombola de Muquém em União Dos Palmares – AL* / 123f.: il. Color. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2018.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. *Discurso Pedagógio, Mito e Ideologia*: o imaginário de Paulo Freire e de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Ewe*: o uso das plantas na sociedade ioruba. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em 30/07/2020

Aprovado em 15/07/2020